#cm2

SEGUNDA-FEIRA

Prata da casa, 'Sirât', de Oliver Laxe, brilha em San Sebastián
PÁGINA 3

Massive Attack e outras 350 bandas boicotam Israel
PÁGINA 5

A melhor esfiha do Rio está no Largo do Machado
PÁGINA 7

Distopia

Festival de Brasília celebra 60 anos com recorde de público e prêmio de melhor filme para 'Futuro Futuro', de Davi Pretto

Por **REYNALDO RODRIGUES**

O 58º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro encerrou sua edição comemorativa de 60 anos na noite de sábado (20), premiando "Futuro Futuro", de Davi Pretto, com o troféu Candango de melhor longa-metragem da Mostra Competitiva Nacional, e "Laudelina e a Felicidade Guerreira", de Milena Manfredini, como melhor curta.

A trama distópica rodada em Portoe Alegre, além do principal prêmio, conquistou os troféus de melhor roteiro, montagem e uma menção honrosa ao ator Zé Maria Pescador. Entre os longas, "Corpo da Paz", de Torquato Joel, ficou com a maioria dos prêmios técnicos, enquanto o júri popular elegeu "Assalto à Brasileira", de José Eduardo Belmonte, como seu favorito.

Nos curtas, "Laudelina" levou, além do prêmio de melhor filme, os troféus de melhor montagem, Zózimo Bulbul e Abraccine (júri da crítica). "Couraça", de Susan Kalil e Daniel Arcades, venceu a escolha do público, e outros títulos como "Replika" e "A Pele do Ouro" também receberam destaques em categorias técnicas. **Continua na página seguinte**

Zé Maria Pescador ganhou a Menção Honrosa do festival por seu desempenho em 'Futuro Futuro'

Divulgação

Longa quase não foi concluído em **função da tragédia no RS**

Divulgação

Davi Pretto (de boné) e parte da equipe de 'Futuro Futuro recebem o principal prêmio da noite

Davi Pretto consolida sua trajetória como realizador com este drama de ficção científica que projeta a capital gaúcha num amanhã distópico onde inteligência artificial e síndrome neurológica coexistem numa sociedade fragmentada. Zé Maria, ator potiguar conhecido por trabalhos em "O Clube dos Canibais" (2018) e "Paloma", interpreta K, protagonista sem memória que navega por um mundo onde a tecnologia promete soluções para aflições existenciais. Na cerimônia de premiação, Pretto destacou a resiliência de toda a equipe envolvida no projeto ao conseguir finalizar o longa apesar de todas as adversidades ocorridas no Rio Grande do Sul há um ano.

Na Mostra Brasília, disputada pelo 27º Troféu Câmara Legislativa do DF, o longa "Maré Viva, Maré Morta", de Cláudia Daibert, foi o grande vencedor, conquistando tanto os júris oficial e popular quanto prêmios técnicos e o reconhecimento do Sesc. Entre os curtas, "Três", de Lila Foster, foi eleito pelo júri oficial, enquanto "Rainha", de Raul de Lima, venceu o voto popular. A atriz Tuanny de Araújo brilhou ao receber o Candango por duas atuações: em "Terra" e "Notas Sobre a Identidade".

Na Mostra Caleidoscópio, avaliada por um júri internacional em parceria inédita com a Federação Internacional de Críticos de Cinema (Fipresci), o destaque foi "Uma Baleia Pode Ser Despedaçada Como uma Escola de Samba", de Marina Meliande e Felipe Bragança. Já o Júri Jovem da UnB escolheu "Atravessa Minha Carne", de Marcela Borela, como seu preferido.

O ponto alto da cerimônia foi a homenagem a Fernanda Montenegro, que aos 95 anos recebeu o Troféu Candango pelo Conjunto da Obra. Primeira atriz a ser premiada no festival, em 1965, Fernanda enviou um vídeo de agradecimento exibido ao público.

Além das exibições no Cine Brasília, que reuniu 35 mil pessoas, o festival levou sessões a espaços culturais de Planaltina, Samambaia, Gama, Ceilândia e ao Setor Comercial Sul, alcançando quase 40 mil espectadores no total. Segundo a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF, organizadora do evento junto ao Instituto Alvorada Brasil, foram gerados 571 empregos diretos e indiretos.

PRINCIPAIS VENCEDORES*

Mostra Competitiva Nacional – Longas

✱Melhor longa-metragem: "Futuro Futuro", de Davi Pretto
✱Melhor longa-metragem do júri popular: "Assalto à Brasileira", de José Eduardo Belmonte
✱Prêmio Especial do Júri: "Quatro Meninas", de Karen Suzane
✱Direção: Karol Maia, por "Aqui não Entra Luz"
✱Melhor roteiro: "Futuro Futuro"
✱Ator coadjuvante: Christian Malheiros ("Assalto à Brasileira")
✱Atriz coadjuvante: Maria Ibraim ("Quatro Meninas")
✱Ator: Murilo Benício "Assalto à Brasileira"
✱Atriz: Dhara Lopes ("Quatro Meninas")
✱Menção honrosa: Zé Maria Pescador ("Futuro Futuro")
✱Montagem: "Futuro Futuro"
✱Edição de som: "Corpo da paz"
✱Trilha sonora: "Corpo da Paz"
✱Fotografia: "Corpo da Paz"
✱Prêmio Abraccine: "Morte e Vida Madalena", de Guto Parente

***Veja a premiação completa em https://sl1nk.com/w1ka2**

Divulgação

Luis (Sergi Lopez, de camisa azul, à direita) vive um pai em busca da filha em 'Sirât', de Oliver Laxe

Rave da **excelência**

Ganhador do Prêmio do Júri de Cannes, 'Sirât', que vai abrir a Mostra de São Paulo, em 15 de outubro, toma Donostia de assalto, à luz da transcendência política do diretor Oliver Laxe, prata da casa

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Desde sua primeira exibição mundial, em maio, nas telas do Festival de Cannes, tendo os irmãos Agustín e Pedro Almodóvar entre seus produtores, "Sirât" ganhou o status de "filme obrigatório" por apostar num casamento (raro) de transcendência espiritual e experimentação formal ao falar de perdas e reconfigurações. É político em sua radiografia da falta de pertencimento entre as populações da Europa que não se rendem a regras históricas do capitalismo. Tratado como um dos favoritos à Palma de Ouro de 2025 desde sua projeção inicial, deixou a Croisette com o Prêmio do Júri, dado a seu diretor, o galego nascido em Paris Oliver Laxe, num empate com o filme alemão "Sound of Falling", de Mascha Schilinski.

Agora, passa por Donostia (o apelido de San Sebastián nas bocas que falam basco ou o euskara) feito um trator, com a força que ganhou depois de ter sido escolhido pela Espanha como seu representante oficial na corrida por uma vaga na briga pelo Oscar. É com essa aura que chegará ao Brasil, no dia 15 de outubro, para abrir a Mostra de São Paulo.

As atrizes Stefania Gadda e Jade Oukid estarão presentes na sessão inaugural do evento paulista, que vai de 16 a 30 de outubro. Laxe passa pelo Festival de San Sebastián na seção Made In Spain, dedicada à prata da casa, ao lado de "Romería", de Carla Simón; "Mi Amiga Eva", do campeão de bilheteria Cesc Gay; e "Sorda", de Eva Libertad.

Para o público basco, o nome "Sirât" é associado a uma tietagem na linha "já ganhou" quando se fala de seu destino rumo ao Oscar. Uma exposição a céu aberto de fotos dos bastidores da produção reforça sua importância em San Sebastián. Cerca de uma semana após o fim da maratona cinéfila da Côte d'Azur, sites e revistas estrangeiras seguem a incensar sua dramaturgia de tons existencialistas, enquadrando-a como um dos longas-metragens mais possantes do ano. Uma enquete organizada pelo jornalista Christian Blauvelt para a "IndieWire", com 48 críticos estrangeiros, elegeu-o como "O" melhor de Cannes, incluindo "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, em quinto lugar em seu pódio. Laxe também foi citado na votação de Melhor Roteiro.

Ninguém nessa votação ignorou "Un Simple Accident", que rendeu a Palma ao iraniano Jafar Panahi. Essa produção aliás faz parte da seção Perlak de San Sebastián, brigando por uma láurea de júri popular. O filme foi escolhido pela França, que o coproduziu, para ser seu emissário na Academia de Hollywood. Panahi é respeitado pela imprensa com unanimidade, por sua obra, por sua vivência da brutalidade institucional de sua pátria e pela poesia em seu modo de narrar. Entrou na lista montada por Blauvelt, mas ficou atrás de Laxe, que renovou seu prestígio e a atual fase de excelência da Espanha na telona.

Depois de ter interrompido seu ciclo de longas no Marrocos ("Mimosas"; "Todos Vós Sodes Capitáns") para filmar "O Que Arde" (Prêmio do Júri na mostra Un Certain Regard de 2019) na sua Galícia, Laxe retornou aos desertos do norte da África para um périplo que começa numa micareta de música eletrônica e passa por um chão de minas explosivas, numa triagem de violências históricas. Insiste, contudo, que sua mirada não é de desesperança, mas de aliança. "Parece que temos um horizonte duro, mas ele, no fundo, é protetor, o que exclui a solidão, sempre estamos acompanhados. O filme mostra que quando o indivíduo se fratura ele se instaura num lugar do coletivo", disse o realizador ao Correio em Cannes.

Rodrigo Fonseca

Capaz de ser radical e melífluo ao mesmo tempo, numa realização ousada, "Sirât" é batizado em referência a um percurso de fé: "Esse nome se refere ao caminho que liga o Inferno ao Céu, como se fosse um espaço de transformação", explica Laxe.

Tudo começa com uma rave no Marrocos, num espaço desértico de rocha e areia. Amalgamada à fotografia de Mauro Herce, a engenharia de som consegue transportar o público para aquela paisagem numa fricção sinestésica.

"Amo a cultura rave e queria partir dela para cruzar o limite do que é humano ao seguir uma figura que confronta com o abismo. Tenho uma equipe fiel, que é uma família, que está sempre comigo na construção dos meus filmes. Eles são, sim, complicados de fazer", confessou Laxe ao Correio. "É um filme que se desmaterializa ao passar do bate-estacas da música techno a uma instância quase celestial de esoterismo".

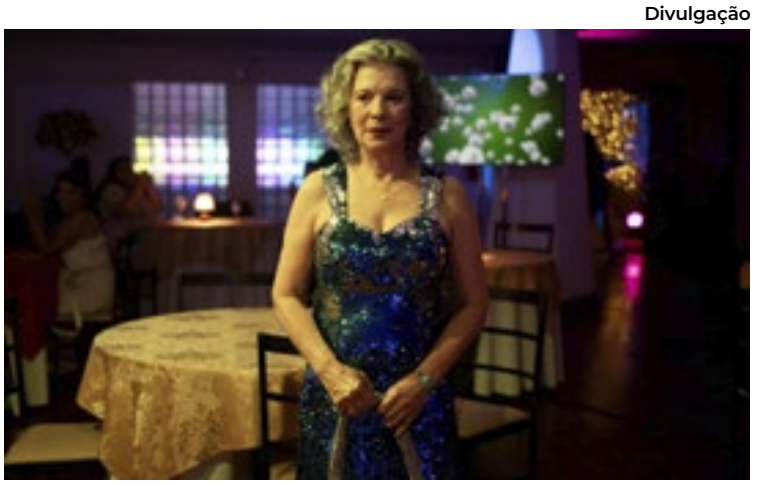
Na trama de "Sirât", um pai e o filho chegam a uma rave perdida nas montanhas do sul do Marrocos. Eles estão à procura de Mar – filha e irmã –, desaparecida há vários meses numa dessas festas intermináveis. Imersos na melodia bate-estaca e numa liberdade crua que lhes é estranha, eles distribuem incansavelmente a foto dela à espera que alguém a reconheça. A esperança vai-se esvaindo, mas eles perseveram e seguem um grupo de ravers para uma última festa nas montanhas. A jornada leva-os a confrontar os próprios limites.

"Falam comigo sobre 'Mad Max', por conta do terreno arenoso, mas minha referência gravitou mais por 'Stalker', pela obra de Robert Bresson e pelo cinema americano dos anos 1970", disse Laxe.

Divulgação

Ubeimar Rios brilha no colombiano 'Un Poeta'

Divulgação



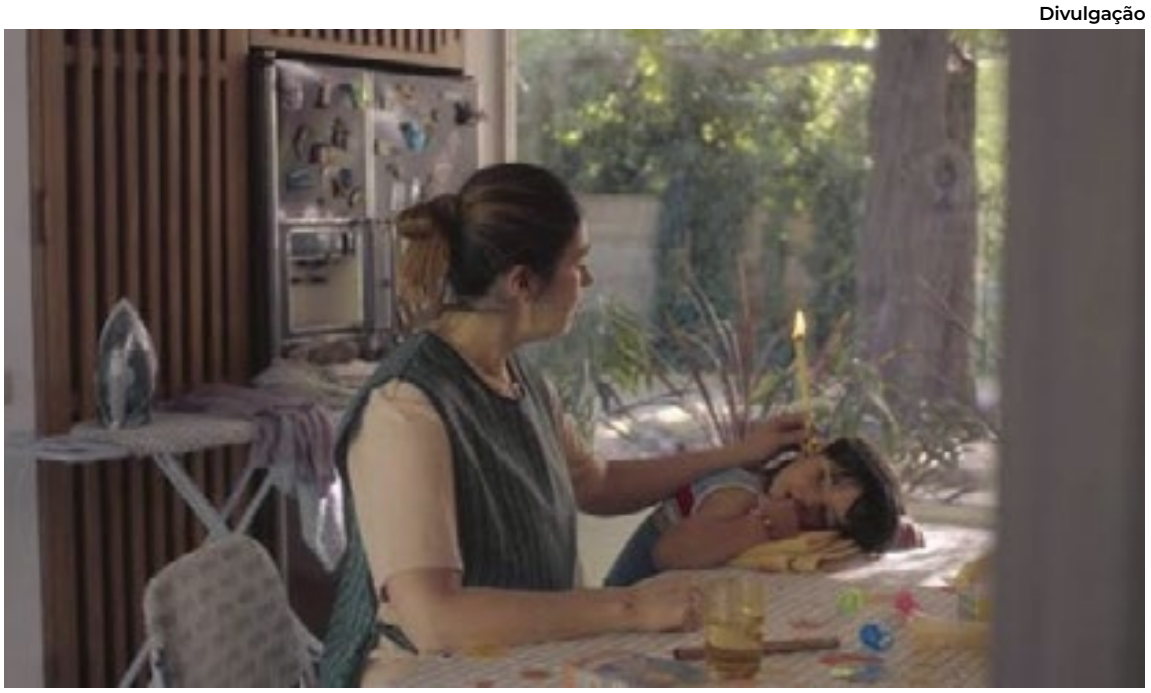
'Dolores': destaque na mostra Horizontes Latinos

Sangue (QUENTE) latino

Maratona cinéfila espanhola é bombardeada por expressões autorais de países sul-americanos, com destaque para o chileno 'Limpia'

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



O longa chileno 'Limpia' explora o tenso cotidiano de uma trabalhadora doméstica

Espécie de "Que Horas Ela Volta?" do Chile, um tanto mais fofo (e numa certa medida mais feroz) do que o sucesso brasileiro de 2015, "Limpia", de Dominga Sotomayor, foi o primeiro pancadão dos Horizontes Latinos, o canteiro do San Sebastián International Film Festival (SSIFF) com os pés fincados na América de colonização íberica. Sua delicada forma de explorar o tenso cotidiano de uma trabalhadora doméstica (papel de María Paz Grandjean) e uma garota de seis anos (Rosa Puga Vittini) abriu os diques do evento para as veias abertas (e feridas) deste nosso continente jorrarem pela Espanha.

É nesse lugar que San Sebastián verá Céspedes botou um carimbo de excelência em "Um Poeta", de Simón Mesa Soto, da Colômbia, que, há duas semanas, arrebatou a láurea de Melhor Filme no Sanfic, em Santiago. Levou ainda o Prêmio do Júri da mostra Un Certain Regard de Cannes. É uma aula sobre literatura com uma interpretação impecável de Ubeimar Rios. Ele interpreta Oscar um autor de poesias frustrado, que nunca estabeleceu sua glória. A descoberta de uma jovem de periferia com talento para o verso renova seus votos com o lirismo.

Teve participação de peso do Brasil nos Horizontes Latinos do SSIFF, sábado agora, com "Dolores", de Maria Clara Escobar e Marcelo Gomes. Seu idealizador foi Chico Teixeira (1958-2019), que dirigiu "Ausência" (Melhor Filme em Gramado, em 2015). Na trama, inspirada em argumento do diretor, Dolores, interpretada por Carla Ribas, acaba de completar 65 anos e teve um sonho premonitório: abrir um cassino. O problema é que ela já foi viciada em jogos e tem uma relação tensa com sua única filha, Deborah (Naruna Costa), mas é próxima da neta, Duda (Ariane Aparecida), que trabalha numa loja de armas e sonha em se mudar para os EUA.

Noutra latitude, na mostra Zabaltegi-Tabakalera, de tônus mais experimental, a esquadra sul-americana do SSIFF faz o Paraguai avançar pela Espanha com "Sob As Bandeiras, o Sol" (no original "Bajo Las Banderas, El Sol"), que foi premiado na Berlinale, na Alemanha, e no Bafici, na Argentina. Exibido no Rio e em São Paulo no É Tudo Verdade, em abril, o documentário de Juanjo Pereira é a produção com CEP paraguaio de maior êxito em maratonas competitivas do exterior depois da consagração de "As Herdeiras" (2018). Nele há um mosaico de exuberante montagem. Sua estrutura formal é uma reação a recordações latinas de 1989, ano da queda da ditadura de 35 anos de Alfredo Stroessner. Sua saída do Poder marcou o fim de um dos regimes autoritários mais duradouros do mundo. Isso também levou ao abandono dos arquivos audiovisuais que haviam consolidado seu comando. Esse material, criado para moldar uma identidade nacional e celebrar um regime de direita, foi deixado para desaparecer da memória. Juanjo esforçou-se para evitar esse destino.

San Sebastián termina no dia 27, com a entrega de troféus. Até o momento, na competição pela Concha de Ouro, o primeiro filme a se habilitar dicunforça para a Concha de Ouro veio da Bélgica e se chama "Six Jours Ce Printemps-là", de Joachim Lafosse. A trama expõe o racismo europeu ao seguir os passos de uma jovem mãe de gêmeos que leva seus meninos até a Riviera, para desfrutarem da casa de seus ex-sogros.

A música diz não ao **genocídio**

Cerca de 350 artistas de vários países proíbem plataformas de executarem suas canções em Israel

Divulgação

Altamente engajada, a banda britânica Massive Attack é uma das signatárias do boicote a Israel

Por **Felipe Maia** (Folhapress)

Cerca de 350 artistas bloquearam em serviços de streaming o acesso a suas músicas vindos de Israel. O movimento, chamado "No Music for Genocide" ("Sem Música para Genocídio") mobiliza nomes como a artista venezuelana Arca, o grupo de jazz BadBadNotGood e a banda britânica Massive Attack, que tem apresentação marcada no Brasil em novembro.

Em carta publicada no site "No Music for Genocide", o grupo afirma: "Mais de 400 artistas bloquearam e retiraram suas músicas do território israelense em resposta ao genocídio de Israel em Gaza, à limpeza étnica da Cisjordânia, o apartheid em Israel, a repressão política de esforços pró-Palestina em qualquer lugar em que vivemos e as conexões da indústria da música com armas e crimes contra a humanidade."

O documento também menciona o "sucesso do boicote cultural contra o apartheid na África do Sul" como prova do poder desse tipo de movimento. A carta também diz que "as grandes gravadoras retiraram seus catálogos da Rússia" assim que Putin determinou a invasão da Ucrânia, e que nenhuma medida do gênero foi feita contra Israel depois de "décadas de ocupação ilegal e 23 meses de genocídio acelerado".

Outros nomes de relevância que figuram na lista são os grupos Japanese Breakfast, que tocou no Brasil em 2022, Black Country, New Road, que veio ao país em 2023, e King Krule, que se apresentou em São Paulo em 2023. Rina Sawayama, que tem música em parceria com Pabllo Vittar, também endossa o movimento.

A lista conta com vários nomes da música eletrônica, como a dinamarquesa Erica de Casier, o dominicano Kelman Duran, a francesa Oklou e os norte-americanos Nick Léon e Kelela. O britânico Saul Williams e a chilena Ana Tijoux são dois dos nomes do hip-hop signatários da carta, que não tem artistas brasileiros.

A única presença brasileira no documento, até então, é do selo Tijolo, situado em Nova York e em São Paulo. Cerca de 50 organizações também apoiam o documento, tais como a rádio britânica NTS, o selo mexicano N.A.A.F.I. e o selo colombiano TraTraTrax, entre outros.

Sylvia Nazareth prepara seu primeiro álbum

Sobrinha de Alcione lança o single 'Pra Que Serve?' nas plataformas

Por **Affonso Nunes**

Em seu último show no Rio, Alcione convidou uma das vocalistas de apoio de sua banda do Sol para um dueto na canção "Separação", um de seus maiores sucessos. A moça em questão é Sylvia Nazareth, sobrinha da Marrom, que vai lançar seu primeiro álbum solo no primeiro semestre de 2026. O trabalho é antecedido pelo pop rock "Pra Que Serve?", que já pode ser conferido nas plataformas digitais.

Cantora e atriz, Sylvia tem DNA artístico que vai além da tia famosa. É filha de guitarrista Willian Jorge e da empresária artística Solange Nazareth, seu avô materno foi maestro e professor especializado em instrumentos de sopro, enquanto o avô paterno, o contrabaixista Jorge Oscar, acompanhou grandes nomes da MPB como Gal Costa, João Donato, Ed Mota, Sivuca e Bibi Ferreira.

A artista construiu uma carreira híbrida, transitando entre música e teatro com desenvoltura. Na televisão, interpretou a personagem Alana na novela "Cheias de Charme", da Rede Globo, produção que popularizou o trio das Empreguetes. Na cena musical, além do trabalho regular com Alcione, já gravou o dueto "À Sombra do Teu Sorriso / The Shadow Of Your Smile" com a Marrom, registrado no CD/DVD "Boleros". No teatro, participou dos musicais "Dona Ivone Lara" e "O Anti-Musical".

Em 2024, Sylvia lançou seu primeiro EP, intitulado "2003", com três músicas inéditas e videoclipes que revelaram uma sonoridade calcada num rock empoderado, dando voz à mulher que questiona padrões sociais impostos, inclusive relacionados aos estereótipos de beleza e peso corporal.

Também lançada em clipe de "Pra Que Serve?" explora uma estética onírica. Antes do lançamento do álbum completo, Sylvia ainda pretende antecipar outra faixa nas plataformas.

Divulgação

Atriz e cantora, Sylvia se divide entre trabalhos na TV e teatro e como uma das vocalistas de apoio na banda da tia

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Deus

Se somos ateus, não confiamos em Deus; isso, porém, não impede pensar Deus. No sentido de motivar a beleza de pensar o Ser absoluto, a fé em Deus é desnecessária, pois o que se exige é a elaboração de uma linguagem nada fácil para o senhor Senso Comum. Deus, atividade do intelecto e passividade da fé.

Imagem criada com a IA Flux Pro

Quando subimos ao Mosteiro de São Bento, assistimos à mesma missa ou à repetida liturgia que há séculos não foge ao "ser" do sagrado, que é não se "misturar" com vulgaridade do mundo. Em sua origem etimológica, isto é, em sua origem verdadeira, "sagrado" deriva do verbo "separar", ou seja, porque ser e não-ser não se misturam, deve-se buscar a Unidade, e o canto gregoriano representa a busca por essa unidade, pois a parte não está se acima do todo.

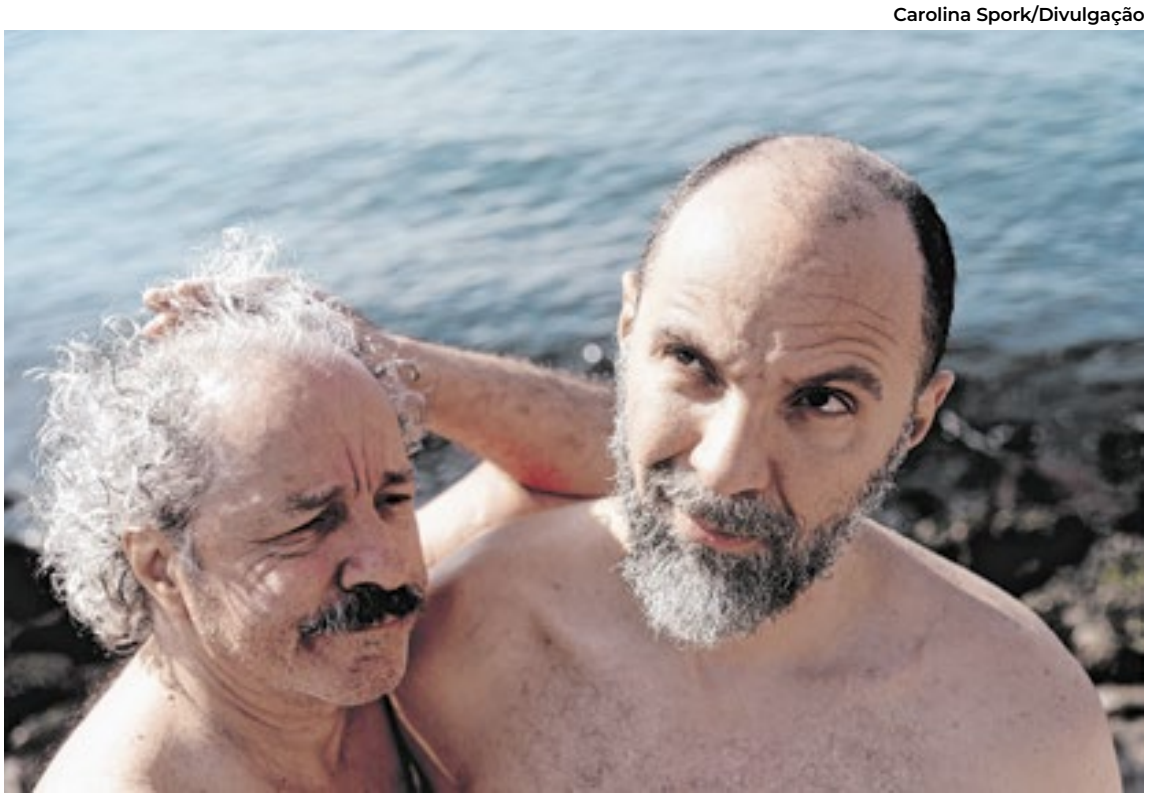
Vamos agora ao terreiro de umbanda ou candomblé. Ainda que as partes manifestem-se com certo grau de individualidades, o todo é mantido, o que significa dizer que as partes não fazem o que querem conforme o desejo de cada uma delas. No terreiro, ao sabor do ponto cantado, o corpo nega a retidão ou a rigidez do corpo em uma missa beneditina; mas, mesmo assim, o sagrado manifesta-se em seu estado de transe.

Tal qual a missa na igreja, o ritual no terreiro repete-se há séculos, onde – repito – o indivíduo não está acima do todo ou acima da unidade. A princípio, por causa desses dois exemplos, o sagrado implica obediência à ordem sacra, que não mistura "o que deseja meu Eu" com o "ser da unidade-todo". Se a tradição católica significa o texto sagrado escrito e, com efeito, o fiel sentado a escutar a retidão da Palavra, a tradição das religiões de matriz africana é cultura ágrafa, cujo saber encarna-se no corpo que escapa à retidão de quem se senta a fim de permanecer atento à Palavra do Senhor.

A tradição do cristianismo é a palavra [escrita], sendo necessário ambiente ordenado para ser lida e interpretada. Não só: necessário haver ótima formação para saber hebraico [Velho Testamento] e grego [Novo Testamento]. Um tipo de cristianismo, no entanto, não apenas nega a origem verbal dos dois Testamentos como nega a exegese e, se não a nega, lê a Palavra do Senhor conforme o desejo do Eu, fazendo com que a Palavra seja o que o Eu quer que ela seja, sem haver relação com etimologias hebraica e grega.

Existem cultos em que o pastor fala contra a Escola de Frankfurt, contra Nietzsche. "O reino", de Gilberto Nascimento, é autópsia do cristianismo negador do sagrado, que, misturando-se com a política, coloca o Eu acima da Palavra.

Carolina Spork/Divulgação



'O espetáculo 'Flutuando' coloca a crise climática no centro da cena

Poesia cênica sobre o **colapso ambiental**

Espetáculo 'Flutuando' propõe reflexão sobre a crise climática e oferece oficinas para artistas e estudantes de teatro

O Teatro 2 do Sesc Tijuca recebe entre os dias 25 de setembro e 19 de outubro a estreia brasileira de "Flutuando", espetáculo que transforma a urgência climática contemporânea em experiência teatral. Com dramaturgia e direção de Norberto Presta, a montagem traz Richard Riguetti e Pedro Sá Moraes como protagonistas de uma fábula sobre o Antropoceno, era geológica marcada pelo impacto humano devastador sobre o planeta.

A encenação apresenta dois viajantes anônimos que enfrentam simultaneamente uma catástrofe ambiental e a própria incapacidade de comunicação. O cenário é dominado por uma lâmina d'água que cresce simbolicamente, representando tanto a ameaça climática quanto o isolamento humano. "A peça pode ser entendida como uma fábula do Antropoceno: era em que o domínio humano sobre a natureza é tão desmedido que desequilibra a estrutura física do planeta, ameaçando as condições de nossa existência sobre a Terra", explica Presta.

O diretor desenvolveu para a montagem o conceito de "dançação", técnica que dissolve fronteiras entre teatro e dança, potencializando a experiência sensorial do público. A abordagem busca criar uma linguagem híbrida que amplifique tanto a dimensão poética quanto a urgência política da narrativa ambiental.

Contemplado pelo edital Sesc Pulsar, o projeto garante acessibilidade com quatro sessões em LIBRAS e aparelhos de audiodescrição disponíveis em todas as apresentações. A proposta é provocar reflexão sobre as alterações provocadas pela humanidade no mundo e sobre a necessidade de reconexão entre pessoas e com o planeta.

Paralelamente à temporada, o projeto oferece a oficina "O Ator e a Música Inaudível", atividade de quatro horas voltada para atores, atrizes e estudantes de artes cênicas. Conduzida por Presta e Sá Moraes, a formação compartilha a metodologia de criação cênica baseada em musicalidade e memória corporal desenvolvida pelos artistas.

SERVIÇO

FLUTUANDO
Teatro 2 do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)
De 25/9 a 19/10, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: Adultos - R$ 30, R$ 15 (meia), R$ 10 (associado Sesc) e grátis (PCG) | Crianças - R$ 20, R$ 10 (meia), R$ 5 (associado Sesc) e grátis (PCG)

CRÍTICA / RESTAURANTE / ROTISSERIA SÍRIO LIBANEZA

Um oásis **escondido**

Por **Cleo Guimarães** (Folhapress)

Um dos segredos gastronômicos mais bem guardados para quem é de fora do Rio está bem guardado mesmo - no fundo de uma galeria no entroncamento dos bairros do Catete, do Flamengo e de Laranjeiras. É lá que funciona, desde 1968, a Rotisseria Sírio Libaneza, uma das lanchonetes (e restaurante também) mais queridas dos cariocas.

Estaria lá a melhor esfiha da cidade? Sim, garantem os fãs dos salgados servidos no árabe do Largo do Machado, como a rotisseria é conhecida pelos frequentadores. Servidas em quatro sabores - carne, frango, queijo minas e verdura (R$ 9,50) -, elas são finas, bem condimentadas e podem levar um esguicho do limão, como é chamado o molho feito por lá, apenas o sumo da fruta e água. Nada mais.

A esfiha de carne, recheada com uma mistura de acém e músculo (informação dificílima de conseguir com o gerente no dia seguinte à visita; quanto aos temperos, ele manteve o segredo), impressiona pela regularidade. Está sempre gostosa, úmida e quentinha, dada a alta rotatividade. É fornada atrás de fornada. As de carne e queijo respondem por 85% dos que são vendidos na loja. A opção vegetariana é a esfiha de verdura: escarola e salsa refogadas com cebola, um aconchego em forma de comidinha.

Berg Silva/Divulgação

Não duvide: a rotisseria tem a melhor esfiha do Rio

O árabe do Largo do Machado fez fama com o que é vendido no balcão, apinhado de gente ávida não só pelas esfihas, mas também pelos quibes, que podem ser fritos (R$ 9,50), de forno (R$ 20) ou crus (R$ 50), este último com dois acompanhamentos (arroz com lentilhas e cebola frita, coalhada seca, tabule e homus tahine são algumas das opções).

Para degustar esses pratos mais robustos é aconselhável conquistar uma mesa no salão, caso não esteja com pressa. Não que seja confortável. É apertado, barulhento, com mesas que mal cabem a fartura dos pratos servidos. Mas ninguém se importa.

A cafta é servida em ponto exemplar, nem um pouco ressecada, saborosíssima. Paga-se os mesmos R$ 50 por duas delas, com uma dupla de acompanhamentos. Repolho, pimentão, abobrinha ou berinjela recheada com carne moída completam o cardápio de refeições. Tudo a R$ 50. Para dois.

Sobremesas são as clássicas: ninhos de pistache, amêndoas, damasco ou nozes (R$ 9,50), belewa de nozes, halawi (doce de gergelim) e simpáticas tigelinhas de coalhada com mel (R$ 13). Barato, consistente e prático, o árabe do Largo do Machado é um daqueles lugares que todo mundo gostaria de ter perto de casa.

SERVIÇO
ROTISSERIA SÍRIO LIBANEZA
Largo do Machado, 29
De segunda a sábado (8h às 22h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR AFFONSO NUNES

Reprodução Facebook

Harmonizações à mesa

Tradicional casa de vinhos de Laranjeiras, o bistrô Symposium promove nesta segunda-feira (22) e nas duas semanas seguintes um curso de vinhos que consiste em três jantares harmonizados conduzidos pelo especialista José Hodara. "A melhor forma de se aprodundar no mundo dos vinhos é quando se associa os rótulos à comida", ensina este uruguaio radicado no Rio há décadas e um mestre na arte de receber bem. Os cursos também podem ser oferecidos para grupos exclusivos de amigos e familiares. Informações e inscrições pelo tel. (21) 98181-0688 (whatsapp).

Noite de vermutes

A Casa Milà em Laranjeiras promove uma noite especial de vermute nesta quinta-feira (25). O restaurante ibérico com toque brasileiro apresenta experiências de harmonização e coquetelaria com o bartender Walter Garin (foto). O evento marca o lançamento da carta exclusiva com 16 drinks, incluindo vermutes artesanais da casa (rosso e demi-sec) e marcas como Cia dos Fermentados e Cinzano 1757. Drinks a partir de R$ 28. Garin, de origem uruguaia, conecta a bebida às tradições familiares.

Divulgação

Divulgação

Taças com arte

O Empório Farinha Pura, no Humaitá, promove nesta quinta-feira (25), às 19h, o evento "Experiência Arte & Brinde". e 25 de setembro, às 19h. A proposta do encontro é degustar quatro vinhos selecionados pelo sommelier Carlos Miranda com pintura em taças orientada pela artista Pri Arttè. Os participantes criam e personalizam suas próprias taças na Cozinha Gourmet do estabelecimento. Ingresso: R$ 200 (inclui taça personalizada e degustação). Material fornecido. Vagas limitadas. Vendas e informações: (21) 99500-5776 (whatsapp).

POR **CARLOS MONTEIRO** | FOTOS E TEXTO

Me dê motivos

(...CONTINUAÇÃO)

Chico tem um cavalo que só fala inglês. Puro Sangues Ingleses só atendem ordens em anglo-saxônico. Muita sofisticação para essa raça tão imponente. Godiva na obrigação de ser feliz. Heróis do faz de contas nacional. 'El-Rey, Sua Magestade RC', tem um cão que, ao chegar ao portão, sorri latindo. É um 'Samoieda', o cão que ri! Tão simples de explicar, tão fácil de entender. "...Uma fuga é o início de uma guerra / Onde tudo é permitido..."

Algumas vezes a explicação se torna mais complicada. Nunca consegui perceber o porquê de alguém sem bermuda ficar mais sério. Sempre pensei que era melhor estar vestido, do que estar sem nada ou de calção, corpo aberto no espaço. Onde o pano de chão de giz é de linho, que a pouco, no campo inda era flor, de seda invisível, retalho de cetim. Quem me dera ao menos uma vez explicar o que ninguém consegue entender. Quem me dera. Que mais tem de acontecer no mundo para que eu possa cantar: "...Quem me dera / Abraçar-te no outono, verão e primavera / Quiçá viver além uma quimera...".

Se, muitas vezes, o sentido perde completamente a noção da hora, muita gente canta jogando tudo fora. É um troca-letras danado que nos faz perder a razão. Será mesmo o poeta um fingidor? Cláudio Zoli, em noite de prazer, passou a madrugada com a vitrola rolando um blues trocando de biquini ou tocando B.B. King? Roupa nova, num "Whisky a Go-Go", perguntava em holandês "Do You Wanna Dance"? Não era o Johnny Rivers que questionava "...Tell me that I'm your man / Baby, do you wanna dance?...". Isso não é inglês? Cós'diabos alguém pode achar que da terra mater de Rembrandt alguém quer dançar?

Quem sabe, "Nossos Pais" fritavam os filhos e você que é malpassado e que não vê que o novo sempre vem. Por supuesto o Rei Mago não pensava assim. Amava o passado com as coisas que aprendeu nos discos. A eterna Cássia e seu príncipe que "...virou um sapo, que vive dando no meu saco...". Os príncipes viram sapos e vice-versa. Qualquer conto de fadas, até o português da piadinha do motel e o nome sugestivo, sabe disso, mas dar no saco depois de sapo? Quem 'dá no saco' é um chato de galochas: "...o príncipe virou um chato, que vive dando no meu saco...". Precisamos de mais malandragem.

Amarelo deserto e seus temores. Temo amar esse deserto djavaniano, para não entrar de caiaque em navios, muito menos pelo cano marinheiro. Descascar batatas não é meu forte. Também não quero fazer amor na madrugada com jeito de pirata, canguru 'perneta'. Prefiro de virada, terra dourada, na verdade adorada.

Como não nasci há dez mil anos (atrás) e tenho a letra 'A' em meu nome, vejo o mel desses olhos luz castanhos tamanhos, mel de cor ímpar, de mar, águas-marinhas, átomos que dançam na madrugada, reluzente neblina, cor de romã, açaí guardiã, sabor das massas e das maçãs, porque quem gosta delas, irá gostar de todas.

Quero ver as águas do rio correr, assim no infinitivo, pasqualizando corretamente. Gente, espelho da vida, doces mistérios mil, coração do meu Brasil!